

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES .

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.



O PADRE RADEMAKER

(Homenagem da redacção do «Progresso Catholico» ao jesuita illustre,
(fallecido no dia 6 de junho de 1885)

GUIMARÃES 30 DE OUTUBRO DE 1885

O que seremos e o que devemos fazer no 8.º anno

OUTRO anno ainda, mais um marco levantado em meio da nossa vida jornalística!

E qual será o nosso posto na estacada da imprensa, onde surdimos ha sete annos?

Qual o inimigo que vimos combater ainda depois de cento e sessenta e oito vezes havermos entrado na liça?

O nosso posto será debaixo da bandeira da cruz, junto aos muros do Vaticano, escutando a voz da Igreja, nosa mãe e mestra infallivel, recebendo todos os ensinamento do Papa, do Vigario de Jesus Christo na terra, ensinamentos que proclamaremos e defenderemos com a vontade e pondonor que dá a fé.

E sendo este o nosso posto, definido está o inimigo contra quem vamos combater, contra quem vamos terçar as armas do soldado valente, que em sete annos não voltou as costas por mais renhido que o combate haja sido.

Combateremos contra os governos que audaciosos se levantam, por meio de leis iniquas, contra o direito da Igreja e dos povos, porque é nosso dever acatar unicamente as leis que forem justas.

O nosso posto será ao lado dos Bispos para os defender dos ataques que todos os dias lhe são dirigidos pelos poderes civis, cerceando-lhes os seus direitos e regalias, peando-lhe a acção bendita que teem de exercer entre os povos que estão confiados ao seu governo paternal, cortando-lhe a liberdade que lhe é devida para francamente serem o ecco da voz do Pastor Supremo da Igreja.

O nosso posto será ao lado do padre, para o defender da bruteza das leis que o querem tornar um funcionario mercenario do Estado, que a seu talante, depois de lhe por em almoe-da os bens que por seculos foram patrimonio da Igreja, lhe pôde suspender o necessario para a sua decente sustentação, e a quem obriga, muitas vezes, a exercer o vil mister de agente politico nas pugnas partidarias, que in-

felizmente desmoralizam os povos, e envergonham a nação.

O nosso posto será ao lado do padre, do simples sacerdote, victima do selvagismo que ha tempos assestou arraias n'este paiz, e que não tem pejo de, em meio da praça e da via publica, apupar o ministro do Sanctuario e sugcital-o ás vaias do garotismo engratado ou sera gravata, a quem as condescendencias dos governantes tem dado foros de cidadãos. Estaremos ao lado do padre para o defender dos gazeteiros malcreados, d'esses agentes da seita maldita que ha um seculo tem por alvo de todos os seus ataques, de todas as suas chufas, de todos os seus desvairados e sinistros intentos a figura respeitavel do Levita do Senhor. Estaremos ao lado do Padre para clamar contra os agentes do atheismo que com capa de catholicos, se introduzem nas irmandades e confrarias com o fim de as secularisar e desprestigiar o padre por todos os meios.

O nosso posto será ao lado das Irmãs de Caridade, para as proteger contra o estúpido proceder dos cafres encasacados, que não teem vergonha de dirigir insultos a pobres mulheres, que passam a vida fazendo bem aos proprios inimigos porquem se sacrificam até darem por elles a vida. Estaremos ao lado d'ellas, d'esses anjos de caridade, para verberar asperamente as proezas da canalha que a revolução tem ao seu serviço, e para implorar das auctoridades a protecção que tem direito de dispensar-lhes para que ellas possam livremente exercer a sua missão de amor por toda a parte.

Estamos ao lado de todos os catholicos para os prevenir do inimigo, e para os defender até onde podermos, das vilanias a que as leis e auctoridades os deixam reduzidos, até ao ponto de receberem insultos dos *zulus* portuguezes, quando entram ou saem do templo.

Estaremos ao lado de todos os oprimidos para pedir justiça e liberdade.

Justiça e liberdade! Será para pedir justiça e para defender a liberdade que continuaremos a levantar a nossa voz para que seja escutada em todo o reino e fora d'elle.

Mas, como poderemos nós, em meio

de um campo inimigo levantar a voz, e fazel-a escutar em todas as terras?

A Historia nos ensina que os Apostolos levantaram a voz para ensinar as doutrinas de Jesus Christo em meio de um povo inimigo, diante dos representantes dos Cezares, e na presença dos proprios Cezares, sem que os amedrontasse nem o rigor das leis, nem o valor dos legionarios do imperio.

Façamos tambem como os Apostolos, levantemos a voz para proclamar as verdades da Religião Santissima que professamos, e não nos amedronte nem o cerrado das fileiras inimigas, nem a protecção que ás mesmas dão os poderes publicos, nem as tendencias do seculo para a tyrania.

Mais poderosos eram os inimigos da Cruz nos primeiros seculos da Igreja e as vias por onde as aguerridas legiões da Roma Imperial caminhavam para tyrannizar os povos que conquistavam, foram as mesmas por onde transitaram os apostolos para levar a boa nova a toda parte, e para levantar sobre os destroços do colosso que imperara no mundo, o edificio magestoso da Igreja, que desoito seculos tem reverenciado.

Como então podemos tambem hoje, todos os apostolos da verdade, usar das mesmas armas para a defeza que usam os nossos inimigos para o ataque; como elles podemos utilizar os adiantamentos e progressos materiaes do seculo para levar as verdades do Evangelho onde elles levam as doutrinas que desmoralizam os povos, que desprestigiam a auctoridade, que esfacelam a familia, que abysmam a patria.

Serve-se a Revolução da imprensa para ensinar o mal, serve-se dos telegraphos para levar a noticia de suas truanescas proezas a todos os pontos importantes da terra, serve-se dos caminhos de ferro para despejar em todas as cidades e villas uma legião de garotos que espalham desesperados as mais deleterias doutrinas, serve-se da multiplicidade dos correios para introduzir em todos os recantos do paiz, para levar ao seio de todas as familias, o veneno que ha de, em epoca não remota, desmoronar todo o edificio social.

Pois bem. Seja a imprensa tambem o principal motor que nos ajude a es-

palhar as verdades da Igreja, as noticias dos progressos da verdade contra o erro. Sejam os telegraphos electricos que nos communicam o que mais possa interessar a sociedade, sejam os caminhos de ferro que nos levem montes de jornaes e de livros para os grandes centros, para com elles desfazer o mal que os coriphæus do atheismo alli tentam espalhar, e sejam os correios, essas linhas que nos poem em contacto com cada casa do paiz e do mundo, as vias por onde nós fazamos correr um sangue novo, que dê nova vida á sociedade, que eleve os espiritos até Deus.

Sejam os nossos amigos em cada terra, em cada freguezia, em cada lugar, em cada casa, um agente nosso, agentes d'este apostolado da imprensa catholica, e, assim como dose homens, apresentando-se desarmados em meio d'um povo guerreiro, quebraram os idolos do paganismo e abateram os estandartes dos Cezares, assim nós hoje faremos pedaços os idolos da Revolução, e calcaremos com o pé da cruz os estandartes onde ella escrevera — *Morte á Igreja, morte ao Clero, morte á sociedade.*

A REDACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

DOM AUGUSTO EDUARDO NUNES, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Arcebispo Titular de Perga, Coadjutor com futura successão do Arcebispo de Evora, Doutor na sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, etc.

Ao Ilustrissimo e Reverendissimo Cabido, M. do Reverendissimo Vigario da Vara, Reverendos Parochos e Clerigos e a todos os fiéis da Archidiocese Metropolitana d'Evora

Saude e benção em Jesus Christo Salvador Nosso

UM dos mais formosos espectaculos que aos anjos e aos homens é dado contemplar, amados irmãos e filhos em Jesus Christo Salvador Nosso, é certamente a sapientissima acção da Providencia no governo da Igreja Catholica.

Esta perenne maravilha, este visivel prodigio da ordem moral, este augusto e indefectivel sello que a Divindade vai imprimindo, cada vez mais brilhante, na sua Igreja, accentua-se particularmente no acerto, sabedoria e firmeza com que os Pontifices Romanos acodem sollicitos ás necessidades e angustias da sociedade religiosa e civil.

Vigilante atalaia de São, strenuo defensor da Immaculada Esposa do Cordeiro de Deus, sempre attento aos perigos, sempre cuidadoso nos lances, sempre firme ao leme, o Pastor Supremo alumado e fortalecido pelo Christo do SENHOR, dirige com certa mão, por

entre syrtes e parceis, a barca de Pedro.

Bem claramente estamos vendo, amados irmãos e filhos, este esplendido reflexo da assistencia divina no excelso pontificado do Santissimo Padre Leão XIII, que, durando ha pouco mais de sete annos, tem já nos aureos fastos da Igreja um lugar honrosissimo

Entre os actos da sua vigilancia apostolica e da sua paternal sollicitude em restituir ao mundo christão a paz e a prosperidade, resplende com singular fulgôr o extremado desvello com que o actual Vigario de Christo tem promovido a devoção á Gloriosa e Santissima Mãe de Deus sob o titulo do seu Sacratissimo Rosario. Opportuno pensamento e feliz inspiração!

Quando os inimigos do nome christão redobram de esforços, e com satânico furor intentam destruir o edificio dezenove vezes secular levantado pela dextra omnipotente: quando o erro e o mal, revestindo mil formas fallazes e enfeitando-se de seductores attractivos, procuram arruinar na grei christã a integridade da fé, e arrastar ao abysmo da perdicção eterna as almas remidas a preço do Sangue Divino: quando o horizonte, acastellado de nuvens tempestuosas, parece ameaçar a Igreja e a humanidade d'um futuro nefasto; o Pastor dos Pastores manda exorar o potentissimo auxilio da Rainha do céu, e praticar a devoção do Santo Rosario, como que para fazer doce violencia ao Coração da Virgem Soberana.

«O santo Rosario é em verdade, como diz o SS. Padre Leão XIII, um dos mais efficazes e seguros meios de obter o favor da sublime Mãe de Deus, depositária e dispenseira da paz e das graças: que foi collocada por seu Divino Filho no fastigio da gloria e do poder, afim de ajudar com a sua protecção os homens, que entre fadigas e perigos, se encaminham para a cidade eterna.»

Nos tempos de perturbação e anciedade, nas conjuncturas apertadas e difficeis, sempre os Catholicos se hão acolhido sobre a egide de Maria.

«Isto prova, — prosegue o Summo Pontifice, — que a Igreja Catholica sempre poz, e com razão, toda a sua confiança e esperança na Mãe do Salvador. Com effeito, a Virgem isenta da mancha original, escolhida para ser a Mãe de Deus, e por isso mesmo associada a Elle na obra da salvação do genero humano, goza junto de seu Filho d'um favor e poder tamanhos, que jámais a natureza humana e a natureza angelica poderam nem poderão obter os eguaes. Assim, pois, já que Lhe é sobremodo lisongeiro e agradavel conceder o seu auxilio e favor a todos que Lhe imploram, não é duvidoso que queira, e para

assim dizer, se apresse a acolher as preces que Lhe dirige a Igreja universal.

Esta piedade tam grande e tam cheia de confiança na augusta Rainha dos céos nunca brilhou com mais esplendor, do que quando a violencia dos erros diffundidos, uma corrupção intoleravel dos costumes ou os assaltos de adversarios poderosos pareciam pôr em perigo a Igreja militante.

A historia antiga e a moderna, e os factos mais memoraveis da Igreja recordam as preces publicas e particulares dirigidas á Mãe de Deus, assim como os auxilios concedidos por Ella, e tambem em muitas circumstancias a paz e a tranquillidade publica, obtida pela sua divina intercessão.

D'aqui, esses epithetos de *Auxiliadora, Bemfeitora, Consoladora dos Christãos, Rainha dos exercitos, Dispensadora da victoria e da paz* com que tem sido saudada.»

Entre todos estes titulos é principalmente notavel o que Lhe vem do Rosario, pelo qual foram consagrados perpetuamente os insignes beneficios que Lhe deve a christandade.

Quando nos fins do seculo XII, os Albigenes, ultima vergontea do Manicheismo, alastravam de erros e impiidade o sul da França e outros paizes do mundo latino, e levavam a toda a parte o terror das suas armas, suscitou Deus em sua misericórdia um varão insigne, que se chamou Domingos de Gusmão.

E o mais poderoso instrumento que o glorioso fundador da Ordem dominicana empregou para combater a heresia e reparar as deploraveis misérias do seu tempo, foi sem duvida o Santo Rosario.

S. Domingos recorre Aquella que se honra com o precioso titulo de *Auxilio dos christãos*; e querendo unir os fiéis em um mesmo espirito de devoção e piedade para com a Mãe de Deus, institue, não sem uma secreta inspiração celestial, esse modo de orar tam simples e tam excellente, que tem por nome o Psalterio ou Rosario de Nossa Senhora, em que a meditação intima se casa com a prece publica; em que unindo-se em estreito vinculo as vozes e os corações, sobem para o alto como duas chaminas da mesma luz, como duas azas da mesma pomba, como duas hastes da mesma planta, como dois perfumes da mesma flor.

Não tardou que o mais extraordinario resultado corraesse tão piedoso pensamento. A doce influencia do SS. Rosario brotou logo fructos abundantes de benção, e tem continuado a produzir-os até nossos dias.

Apenas foi instituida, propagada e organizada esta devoção, viu-se reacender nos fiéis o santo fervor das primei-

ras idades do Christianismo, e a Igreja reproduzir fielmente o edificante quadro da vida dos primitivos christãos. Formou-se desde logo uma associação de pessoas de todas as edades, sexos e condições, que, vinculadas entre si pelos laços da mais ardente caridade, se propunham de common accordo não coroarem-se das rosas ephemerias da vaidade, como os levianos de que falla a Escriptura, mas sim offerecerem á Mãe de Deus uma grinalda de orações, por certo mil vezes mais preciosa, que se fôra marchetada de pedrarias luzentes.

Cada dia augmentava o numero das conversões obtidas por meio d'esta pratica salutar; pessoas de elevada condição affluíam a alistar se na confraria do Rosario; todas as povoações aonde chegou esta devoção, deram logo evidentes signaes de piedade e fervôr; passados poucos annos, as confrarias tinham-se multiplicado de maneira incalculavel, e quasi não havia,—como ainda hoje não ha,—christão digno d'este nome que não possuísse ao menos a fracção do Rosario denominada *Terço*. Enfim, comparando o estado lamentavel a que se via reduzida a Christianidade antes de ser creada esta instituição, com a vida florescente a que prestes se elevou a sociedade religiosa, podemos desassombadamente asseverar que o SS. Rosario estabeleceu o espirito e o fervor dos primeiros christãos em todas as cidades e nações a cujos collins chegou a sua acção poderosa e a sua divina efficacia.

Uma instituição que rapidamente attinge tal universalidade, e conquista tam avultado numero de almas, não terá em si mesma e em seus resultados evidentemente impresso o cunho da sua incontestavel excellencia? Não deveremos confessar que uma prática que já conta de duração mais de seis seculos, e promette perpetuar-se até ao fim da Igreja, até ao fim do mundo, encerra necessariamente uma harmonia mysteriosa com as necessidades e os destinos do homem?

Esta consideração será por certo bastante para vos convencerdes, amados irmãos e filios em Jesus Christo, da importancia e das vantagens espirituaes da devoção do Rosario.

Estas vantagens e esta importancia não tem diminuido com o decorrer do tempo. A efficacia d'esta oração é hoje a mesma que no seculo XIII, quando o Manicheismo Albigenense foi derrolado: a mesma que no seculo XVI, quando em Lepanto o soberbo crescente do Islam foi abatido. Hoje, como então esta forma de orar é particularmente agradável á Virgem Santissima, e propria sobretudo para a defeza da Igreja e do povo christão, bem como para

atrabair toda a sorte de beneficios publicos e particulares.

E não é só excellent e vantajoso, não é só efficaz e util. é necessario na actualidade este piedoso exercicio.

«Em nossos tempos,—diz o Sabio Leão XIII,—temos tanta necessidade do auxilio divino, como na epocha em que o grande S. Domingos levantou o estandarte do Rosario de Maria afim de curar os males do seu seculo... Nós, que buscamos remedio para males semelhantes, temos o direito de crêr que, valendo-nos da mesma oração que serviu a S. Domingos para fazer tanto bem, poderemos egualmente vér desaparecer as calamidades que affligem a nossa epocha.»

(Continua.)

SECÇÃO HISTORICA

Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Igreja, desde Herodes até nossos dias

(Continuado de pg. 277 do v. 7.º)

XII

Sofenio Tigilino, ministro de Nero

(Morreu no anno 69 da era christã)

Temos necessidade de continuar este trabalho com mais regularidade, porque os marotos, que se tem revoltado contra a Igreja, são tantos, e de tão diversos matizes, que, se vamos tão vagarosamente como até aqui, ainda que o *Progresso Catholico* tenha muitos annos de vida (como esperamos em Deus que ha-de ter) não chegaremos a tornar conhecidos dos leitores todo esse exercito de orgulhosos, que se revoltavam contra Aquelle nas mãos de quem estava a vida de todos elles.

De vagar temos andado, confessamos nossa culpa; mas do hoje em diante, com a ajuda divina, vamos retratar um perseguidor em cada numero.

Sofenio Tigilino era de baixa condição e de mais baixos instinctos e costumes. Era mau, vicioso e por isso adolador para com os grandes. Estas qualidades aproximam-no de Nero, que desde logo o tornou um dos seus mais intimos favoritos, porque a infamia casava-se e casa-se ainda hoje admiravelmente com a tyrannia. Um tyranno jámais deixa de estar rodeado de infamissimos conselheiros, e são estes, ordinariamente, que fazem peores os tyrannos, e ai dos povos que tem tyrannos por governautes, e por ainda se estes tem infames adoladores, que para os lisongearem sacrificam as

Nero era um tyranno, mas não o seria tanto se Tigilino não fosse seu conselheiro, porque foi este homem perverso que o instigára a praticar muitos dos crimes que tão triste celebridade lhe deram na historia, sendo cumplice em quasi todos elles. Era, pois, Tigilino, um segundo Nero, e a medonha historia do sanguinario imperador, é a historia do seu favorito.

Deus, que não deixa crime algum sem castigo, não deixou de dar a Tigilino a parte que lhe tocava, e por isso o vemos, apoz a morte de tigre coroado, cair no desagrado de todos, sendo odeado pelo povo, que lhe queria dar a morte, de que o salvou a manha, arma favorita de todos os trantantes, com que pôde enganar um ministro de Galba, chamado Vinio. Assim favorecido por um homem que occupava, perante o novo imperador, o mesmo lugar que elle antes tivera junto de Nero, facil lhe foi safar-se á sanha do povo, e retirou-se para uma quinta, em Sinueza, esperando d'ahi os acontecimentos.

A Providencia quiz que Tigilino confiasse demasnado em Vinio, para que o castigo fosse mais digno de tal trantante, e tanto n'ello confiou, que o favorito de Galba, usando da auctoridade que tinha, apoderando-se das numerosas riquezas do seu amigo, o faz encerrar n'uma caverna, juntamente com cães, com quem o antigo conselheiro de Nero disputava diariamente a comida, que a todos era lançada. E assim viveu algum tempo o malvado até que um dia, por esquecimento não fôra lançado o costumado alimento á caverna dos cães, e estes, desesperados pela fome, lançaram-se ao seu companheiro de prisão e devoraram-n'o.

Quantos christãos teriam sido devorados pelas feras, por conselho de Tigilino? Por isso teve morte igual, mas bem peor que a dos martyres, porque estes tinham a fé e a esperanza a animar-os a soffrer com jubilo tudo por Jesus; o tyranno seria devorado pelos cães e retalhado pelo remorso, que não deixa de apouqueantar mesino os maiores patifes.

Se estas lições que nos dá a historia podessem servir de exemplo aos inimigos da Igreja que hoje a perseguem com o mesino afan, ainda que com armas diferentes, poderíamos nós deixar de presenciar tantas tropelias; mas elles não creem na historia, assim como não creem em Deus, e por isso vão sendo feridos com o mesmo gládio que feria os seus parentes dos primeiros seculos da Igreja, como veremos no decorrer d'este trabalho.

(Continua.)

T. J. de E. Frias.

O convento de Sá em Aveiro

(Continuado da pag. 278 do 7.º volume)

IX

Este convento gosou de alguns privilegios e mercês reaes, especialmente concedidas por D. João V.

As de que pudo ter conhecimento são as seguintes:

—El-Rei D. João V concedeu uma provisão, para que o provedor da comarca de Esqueira fosse juiz privado das causas, que as religiosas d'este convento tivessem com os moradores da mesma comarca. Esta provisão foi passada em Lisboa a 3 de Junho de 1716 e registada na chancelaria-mór da Corte do Reino a 6 do dicto mez e anno.

—Outra provisão do mesmo D. João V, passada em Lisboa Occidental a 2 de Outubro de 1737 e registada a 16 do dicto mez e anno, concedia a este convento a mercê de poderem possuir bens e medidas, sem que fossem reguengos á corôa real. Foi esta mercê confirmada por El-Rei D. José, a 13 de Janeiro de 1770.

—Tambem El-Rei D. João V concedeu uma provisão, datada de 10 de Novembro de 1740, para que, por cinco annos se pagasse a este convento um real de cada quartilho de vuho, vendido no concelho de Ilhavo, ao qual, como já disse, pertencia o logar de Sá. Este tributo foi applicado para a construcção da casa chamada *Hospedaria* e para reparos importantes no convento e muros da cerca.

—Por accordão, do desembargo do Paço, de 8 de Novembro de 1763, foi concedido um privilegio, para que nenhum crédor d'este convento podesse obrigar-o por dividas, sem que elle melhorasse de meios, e nunca por mais de 50\$000 reis á conta do proprio.

X

Entre as religiosas, que professaram e falleceram n'este convento, são dignas de notar-se as seguintes, de que pudo haver noticia:

—A Madro Anna Maria de Jesus natural do Ovar, fallecida em 8 de Junho do 1737, e a Madre Cecilia Josepha da Encarnação, fallecida em 12 de Setembro de 1747, as quaes morreram com opinião de Santas. Os seus cadaveres estiveram expostos por muitos dias na Egreja, e por ellas teve o povo d'Aveiro muita veneração.

—As Madres Marianna de S. José e soror Maria da Madre de Deus tiveram uma vida tão virtuosa, que piedosas lendas, por muito tempo, so-

contavam acerca da maneira, como falleceram e das saudades, que deixaram.

—A Madre Maria de Jesus tornou-se notavel pela caridade e tão elevado desejo de acudir aos pobres, que chegou a despir o habito, para o dar de esmola.

—Tambem n'esta virtude se tornou muito notavel a Madre Izabel do Espirito Santo. Pelo convento pedia humildemente esmolas, para as repartir por pessoas necessitadas.

—A Madre Maria de S. José tornou-se notavel por sua vida contemplativa e pela devoção ao santo, que tomára por apellido e por patrono. Falleceu no dia d'este santo, o que muito desejava e assim profetisou doze dias antes, quando fôra ungida o ao contrario da opinião de todos os assistentes.

—A Madre Thereza de S. José, natural de Aveiro e descendente da familia dos Noronhas Andrades, deixou tambem e por muito tempo fama das suas virtudes, pois sempre foi zelosa na caridade assidua na oração; humilde na penitencia; prompta, nos trabalhos; e carinhosa com os doentes.

Se no convento de Sá viveram e professaram, muitas pessoas de familias humildes, tambem professaram ou ali viveram, como recolhidas e educandas, algumas senhoras de familias distinctas, tanto de Aveiro como de outras povoações.

Por não fazer longa a lista dos nomes d'estas senhoras, apontarei, apenas as seguintes:

—D. Luiza de Souza Ribeiro da Silveira e sua irmã D. Thereza, da familia dos Oliveiras Barrellos, d'Aveiro, as quaes professaram cerca do anno de 1760.

—D. Felicia de Magalhães Coutinho, professa, e suas irmãs D. Thereza e D. Catherina, recolhidas, filhas do Jeronymo de Magalhães Coutinho, cavalheiro da Ordem de Christo, e sobrinhas de D. Josepha Ignacia da Silveira, freira n'esto mesmo convento. Pertenciam á familia dos Silveiras Barretos e tiveram irmãs e outras parentes freiras no convento de Jesus d'Aveiro, e no de Cellas, em Coimbra.

—Aqui falleceu, de tenra idade, D. Maria Dorothea, filha de Manoel Jorge da Costa e, por sua mãe, descendente da familia dos Tavares Chamorros.

—D. Catharina Joanna, filha de Simão Pedro da Costa e Tavora Monteiro de Almeida e D. Brites Izabel Varella da Veiga, pessoas de muita distincção, e das nobres familias do seus apellidos. Falleceu em 1795.

—Aqui falleceu com perto de cem annos, em 1880, D. Innocencia Lo-

dovina do Céu, tia materna do snr. Francisco Manoel Couceiro da Costa. Era natural de Ilhavo, onde tem muitos parentes, e foi por muitos annos e por muitas vezes abbadessa d'este convento, que lhe devia grandes serviços. Conservou as suas faculdades intellectuaes e natural energia até poucos dias antes da sua morte. Era muito virtuosa, sem deixar de ser jovial, e tinha um genio muito obsequiador e franco.

Quando este convento foi extincto, havia, aponas, uma freira professa, a snr.ª D. Anna Benedicta de S. Miguel, mas estava com ella um grande numero de senhoras recolhidas, e bastantes meninas educandas, entregues a mestras francezas habilitadissimas, que, com algumas senhoras portuguezas, tratavam de ali fundar um collegio, regularmente organiado, á maneira dos collegios ursulinos ou como o que se fundára no convento de Jesus. Logo, porem, que constou, que uma parte do convento ou todo elle era destinado a aquartellamento militar, retiraram aquellas mestras com algumas educandas; e as outras educandas foram mandadas retirar pouco a pouco, por suas familias.


Tambem d'alli foram saindo algumas das senhoras recolhidas, que ou viviam dos seus rendimentos, ou de alguns subsidios, com que, pelos serviços prestrados ao convento, esteas-gratificava.

As restantes saíram, quando tambem d'alli saiu a snr.ª D. Anna Benedicta de S. Miguel, e algumas d'ellas tomaram a resolução de lho fazerem companhia na casa, para onde se retirou.

Rangel de Quadros.

SECÇÃO CRITICA

Os frades, Castilho e Alberto Pimentel

 Snr. Alberto Pimentel, escriptor bem conhecido de quem o Sr. Castilho conhece, deu um passeio do Santo Thyrso a Seide, em companhia de uma garrana e de um homem. Está no seu direito o snr. Alberto Pimentel, e nem o direito lhe contestamos de fazer um opusculo, narrando a jornada que fizera para visitar Camillo Castello Branco, aliaz Visconde do Corrêa Botelho.

Não tem, porém, o snr. Alberto Pimentel o direito de fallar de cousas que não conhece, e muito menos em seu desfavor.

S. Exc.ª falla de Castilho e não conhece os seus escriptos; falla dos frades, e não os conhece, por isso mesmo

que desconhece os escriptos de Castilho a favor dos frades.

Julgou-se o nosso homem com direito de fallar de cima da barra como é costume dizer-se, e isto pelo facto de fazer uma viagem atravez os caminhos pittorescos do Minho, montando uma garrana. Não sei como, chegando a Lisboa, lhe não fizeram na Capital do lindissimo reino uma espera tão festiva como a que mereceram os exploradores Capello e Ivens.

O nosso homem vendo perto do convento de Santo Thyrsó a linha ferrea que liga o Bougado com Guimarães e como é dos que julgam os frades inimigos do progresso, botou a seguinte piada:

«Que diriam os beneditinos de Santo Thyrsó se podessem resuscitar, e, debruçados no muro da cêrca, vissem desenrolar-se por sobre o arvoredado fronteiro a pluma ondulante do fumo da locomotiva?»

«Elles viveram ali entrincheirados entre a villa, que engrandeciam, e o rio, que os deliciava. De um lado, as moçoilas carnudas e carnaes; do outro, os rouxinões devaneadores da beira d'agua. De portas a dentro, a cosinha e o côro. Tudo aquillo era d'elles, os frades, senhores soberanos das localidades que povoavam, — directa e indirectamente. O caminho de ferro é um invasor audacioso, que passa esmagando e rompendo. Os frades, se agora podessem ouvir-lhe o silvo triumphal, gritariam *à d'el-rei* contra o progresso, apitando contra a machinana a vapor.»

É um *sabio* este snr. Alberto Pimentel, pois não é, leitores do *Progresso Catholico*? Não sabe este poeta, gazetista, novelista, historiador etc. etc. que ha países com mais caminhos de ferro que Portugal, e que tem frades aos milhares?! Não sabe que os frades, assim como foram que deram impulso a todos os progressos do seu tempo, seriam hoje os maiores apologistas das linhas ferreas, levando a locomotiva a sitios onde os homens do progresso á Alberto Pimentel não levam nem um tortuoso caminho para cabras?

Muito *sabios* são estes senhores, para verem nos frades homens unicamente para a cosinha e para o côro!

É no meio da sua prosapia de homens de sciencia, enchem a bocca com os nomes dos mais laureados escriptores, dizem-se seus amigos, e parecem chorar com a lembrança d'elles. O snr. Alberto Pimentel, encontrando em Seide um pequeno monumento erguido a Castilho diz d'elle trapos e farrapos, nota o como um dos seus amigos, que o acompanhava aos theatros etc. etc., e assim mesmo tão amigo, tão intimo, tão companheiro, não lhe conhece os escriptos. Assim amigo do poeta deveira desejar o

snr. Alberto Pimentel imital-o, e não ter uma opinião contraria á d'elle respeito aos frades. Mas s. exc.ª não leu os artigos de Castilho em varios jornaes, formosas apologias a favor dos filhos do claustro, e se não leu os escriptos do amigo, do companheiro, de aquelle a quem offertára as ultimas lagrimas no cemiterio dos Prazeres, como poderia ler *Os frades*, essa famosa compilação, que de todos os escriptos liberaes a favor das ordens religiosas fizera o grande escriptor e maviosissimo poeta João de Lemos? Não leu de certo, este livro, que em 3.ª edição se publicára em Guimarães, e como o não leu, nós vamos transcrever para aqui, d'esse livro gigante, parte de um artigo do seu amigo Castilho, referente aos frades.

Ora leia o que disse dos frades, o seu companheiro de theatro, aquelle de quem viu, *penetrado de commovido respeito* o monumento em Seide.

Leia, leia, que até morrer se aprende:

«Estes homens, de que uma grande parte nada pedia, nem accitava ao mundo, outra, se contentava com a esmola, e, onde ella não chegava, suppria a falta com a resignação: — estes homens, sempre calunniados por quem os não valia, desbravavam a terra: attrahiam aos desertos povoações em derredor da sua capella e da sua lavoura; desbastavam a rudeza dos ignorantos; amansavam a feridade dos costumes; conciliavam os inimigos; concertavam ou mantinham nas familias a paz com os seus conselhos; ensinavam as letras, e a religião á infancia; acudiam com o pão ao necessitado, com a botica ao enfermo, com o valimento ao opprimido, com as visitas e consolações ao moribundo; despejavam o seu ceibeiro e a sua bolsa para ajudar ao principe na guerra; na paz dispendiam em arrotear e plantar, em mais construir e favorecer artifices: em encanar o rio, que orlava o seu predio, em edificar a ponte, romper ou concertar a estrada do uso commum; ajudavam os parochos no trabalho de seu ministerio; davam ao povo das cercanias o espectáculo das solemniaes religiosas, celebradas com magnificencia; davam-lhe nos dias consagrados ao ocio, o gozo franco de seus jardins e arvoredos, nas suas bibliothecas, publicas, como as suas escolas, uma grande parte das obras mais procuradas e mais trabalhosas, elles ou seus predecessores as haviam escripto. Não os verieis nas galas, nos theatros, nos saraus, mas achal-os-hieis, se os procurasseis, nos soutos e carvalhaes, prégando aos povos concorrentes de quarenta, sessenta e mais aldeias; e deixando nos corações contricção e attricção, que, ás vezes, duravam toda a vida: — achal-os-hieis nos dias fechados e escuros do inverno, ou pelas calmas

abrazadoras do estio, sempre com o mesmo vestido grosseiro; correndo a pé os caminhos mais asperos para irem levar este ensino inesperado e gratuito aos silvestres filhos das serras mais apartadas e menos sabedoras do seu convento: — achal-os-hieis nos carcerees exhortando os criminosos ao arrependimento, e sobre a encherga do condemnado á morte, abraçando-o como a irmão muito amado e pedindo-lhe por mercê e com lagrimas, que lhe não perdesse a sua alma, remida com o sangue de Jesu-Christo: — achal-os-hieis ainda no transitivo funebre, confortando-o, e aos pés do cadafalso esforçando-o, e sobre o cada-ver decapitado esparzindo preces, e sobre a sua sepultura intercedendo, ou junto á fogueira que o reduzia a cinzas, para serem lançadas ao mar, ou aos quatro ventos, soltando as palavras da clemencia e os canticos da esperanza: — achal-os-hieis nos hospitaes, por entre o mais accêso dos contagios, acudindo com a medicina do corpo e da alma; no campo da batalha pensando os feridos e absolvendo os agonisantes; ás portas dos principes, dos seculares abastados, só no dia do seu funeral; nos sotãos da indigencia envergonhada, todos os dias levando-lhe o restante do jantar, repartido á portaria entre os mendigos: — achal-os-hieis nas regiões barbaras recém-descobertas ou recém-conquistadas descontando o odio das armas pelo amor da doutrina, negociando espiritos emquanto os seus contemporaneos negociavam fazenda e oiro: — achal-os-hieis entre os selvagens do deserto, provocando com beneficio o martyrio, e não se doendo dos tormentos senão porque a morte lhes atalhava o bem fazer: — achal-os-hieis nos desertos niveos dos Alpes, salvando e hospedando o viajante perdido: — achal-os-hieis aos pés dos thronos barbarescos, resgatando os christãos captivos com o producto das esmolas, laboriosamente grangeadas de porta em porta, e de provincia em provincia por espaço de muitos annos: — em toda a parte os acharieis, onde houvesse lagrimas para enxugar, fê para crear ou fortalecer, esperanças ou allivios para esparzir; instrucção moral ou litteraria para derramar; feras para as alçar a homens ou homens para os elevar até anjos; emfim, em toda a parte onde houvesse ingratos para fazer, que é em todo o mundo.

«E são estes os estereis, os egoistas, os inertes, os que o mundo na primeira hora em que se sentiu mais forte, sentenciou e executou sem n'os ouvir, atropellando tantas obrigações adquiridas, tanto direito natural e positivo, tantos interesses publicos e privados, tanta responsabilidade, perante a philosophia imparcial, e a tremenda appellação do presente para o porvir!»

Ahi offerecemos ao snr. Alberto Pimentel, um poucochinho do que aos frades consagrara Castilho, o seu amigo, e por esse pouco verá, que não é bom a gente meter-se em cavallarias altas; porque v. exc.ª apesar de dizer na 1.ª pagina do seu opusculo *não ter nascido fadado para cavallarias altas*, desconheceu este bom juizo que de si mesmo faz, e metteu-se a fallar de frades, e, quem falla de frades sem ser Castilho, é metter-se em cavallarias altas.

Mas fez bem. O passeio ao mestre de Seide sempre lhe aproveitou, porque, se o mestre lhe não deu lições, deu-lhe ensejo para escrever do que não sabia,

lia; inqueritum, em que aquelle Senador foi parte principal. O *inqueritum* durou 6 annos e custou ao governo *italiano*, só em impressos, 300 mil francos; os povos não lhe deram importancia porque n'elle não tinham confiança, como, o attesta a proprio Senador Jacini por estas palavras: *«accolto dalle multitudini colla più glaciale indifferenza.»* Tal *inquerito* ficou reduzido a uma parodia ridicula e marasmatica, como nunca se apresentou outra, e é um escriptor valente que assim o qualificou e lá dentro do *reino de Italia*. Foi feito por uma *commissão governativa*

agricola está n'um *marasmo profundo e pericolaso*. Materialmente se ha avantajado no quarto de seculo decorrido, mas muito menos do que de ella se *esperava*, tanto dentro como fora da Peninsula italiana. *Moralmente ha peggiorato*. E isto, por certo, não é lisongeiro para uma grande nação apenas nascida. E' um Senador, presidindo *Senadores e Deputados*, que *officialmente* assim se expressa ante o respectivo governo, e ante o *publico*. A *Palavra de Deus* firma a respeito das Nações a Sentença: *Justitia regnorum fundamentum!* não ha *edifica-*



CASTIGO AO BLASFEMADOR

e essa fatalidade, em que muitos homens grandes cahem, fez que v. exc.ª tivesse uma lição tambem de mestre, e pela qual não pagará nada.

Elias de Sampaio.

A'lem-Alpes

Se de alguma cousa devemos ficar suprehendidos é de que a Italia agricola não esteja mais arruinada do que está assim o disse o Senador *italiano Stefano Jacini* em seu *Relatorio do inqueritum* feito ultimamente sobre a situação da agricultura no *reino de Ita-*

composta de *Senadores e Deputados*, presididos pelo Senador *Stefano Jacini*, que elaborou o *Relatorio*, recentemente impresso e publicado. Distinguindo entre interesses materiaes e moraes, começa o *Relatorio* por estabelecer, que nos primeiros o progresso é muito inferior á espectação em que se estava, e que em relação aos segundos ha um verdadeiro retrocesso. Assim constata o *Relatorio official* que *moral e materialmente* a Italia não tem a louvar-se, mas sim a entristecer-se pronunciadamente com o que os revolucionarios dizem *resurreição politica, etc.* Resultar do *inquerito*, diz *Jacini* que a *Italia*

ção sem base, logo não tem ali-cerces o *reino* que se não funda na *Justiça*, é assim o *reino de Italia*, e por consequencia faltando-lhe o *fundamento* não pôde apresentar mais que *oscillações* até aquella, que o ha de *deitar em terra*.

As vagas e vãs promessas da *Revolução* chegaram aos ouvidos dos *camponios*, e chegaram a illudir numero d'elles, que calculou sobre *vantagens promettidas* que os *revolucionarios* nunca poderam, nem poderiam, realisar-lhes; desilludidos aquelles *camponios*, olharam em roda de si e não se lhes antolhou outro recurso, que a *emigração* para terras, mais ou menos longiquas,

mas todas fóra do reino de Italia, onde se convenceram não poderem viver; e é assim que é espantosa a emigração italiana, e é esta uma das causas do abatimento progressivo da agricultura na Italia, pois que sem braços não ha agricultores.

A isto juntaram-se as paredes de abstenção de trabalho, um rumor contra as classes de recursos pecuniarios, um desprezo por certos melhoramentos economicos, um desgosto e indisposição contra a ordem de cousas de idéas e factos novissimos, e a Revolução se viu desmentida por aquelles a quem ella tinha mentido, e infelicitado na lialia; e em em toda a parte onde tem posto o pé. No Relatorio do Senador Jacini está lavrado o corpo de delicto, que faz ré a novissima situação da Italia desde seu começo, e especialmente de 1860 até 1885, o tal quarto de seculo.

Elle, Jacini, apresenta os factos e faz reflexões loco citato, que levam ao expressado conceito; e quando se não expressasse como se expressa, não faltariam tantos e tantos outros acontecimentos e reflexões que julgariam ré na Italia a Revolução, et alibi. Uma das causas do retrocesso moral e material da Italia agricola, apresentada pelo Senador Jacini, foi a venda da propriedade da Igreja, pois que vendida em breve tempo e accessibili a tutte le borse, quer dizer ao desbarato, como tem acontecido sempre que a Igreja tem sido usurpada em seus bens, e não menos aconteceu e está ainda acontecendo em Portugal; a Igreja é espoliada, o Estado fica mais pobre, os ambiciosos compram mas para mais tarde ou mais cedo cahirem na miseria; se o roubo commum nunca tornou feliz alguém, como pôde trazer felicidade o roubo sacrilego a pessoa ou Estado algum? A Revolução prometteu aos italianos agricolas, para chamar adeptos, que não pagariam impostos; mentiu-lhes, e veja-se o que diz no seu Relatorio o Senador Jacini. «A Italia agricola sobre o rendimento liquido de 1:000 milhões paga 300 milhões de impostos directos, sem fallar dos impostos sobre o sal e riqueza movel, dos impostos municipaes, e dos que em muitos municipios subcarregam os lavradores que têm gado proprio.» Eis em que parou a promessa dos revolucionarios: que não pagaria impostos a Italia agricola; enganaram, e os miseros ficaram enganados. Antes do inqueritum, e assim antes do Relatorio, tinha dito o snr. Jacini, no Senado: «A Italia agricola é ferida por um cumulo de impostos,

como nessun altro paese del mondo. Temos tocado i limiti dell assurdo.» E depois referindo-se a todas es exigencias fiscaes, diz, que logares ha onde os contribuintes chegam a pagar de impostos o 40, o 50 e até o 60 por cento do seu rendimento effectivo; e dito isto interrogou em seu discurso o Senador Jacini: «Non è questa una vera spogliazione? não é isto uma verdadeira espoliação?» Mas ainda accrescentou o senhor Jacini: «A Italia n'este momento, pôde-se dizer, paga 100 milhões por anno a mais do que devia pagar em comparação dos outros Estados da America e da Europa.» E note-se, que o referido Senador estava-se occupando só da Italia agricola; e que teria a acrescentar se se occupasse da Italia industrial, da Italia commercial, etc. E nos Estados Pontificios quasi que não havia impostos, e tudo corria bem antes de serem invadidos pela Revolução; e nos outros Estados da Peninsula Italica antes de annexados eram suaves as contribuições e os Erarios respectivos tinham dinheiro, como o havia nos cofres dos Estados do Papa, sem que se faltasse aos serviços publicos e aos beneficios em bem dos povos. O Senador Jacini não duvidou apresentar os dados referidos, não duvidou attribuir os males que apresentou no seu Relatorio ao novo verbo da Italia politica, só lhes achou ou antes pareceu achar remedio no tempo, porque lhe faltou o animo para dizer o que era a conclusão contida até nas proprias permissias que apresentou, pois que o remedio unico aquelles males e outros na Peninsula alem-Alpes não é outro que apcar a Revolução do improvisado throno em que a collocaram os Mações e Revolucionarios; e fóra d'isto só ha a esperar a ruina-ruina d'aquella bellissima parte da Europa, como esta seria em seu todo de todo arruinada se as cousas politicas governativas continuarem a ser a expressão, mais ou menos voluntaria, das vontades sectarias, em primeira mão ou forçando outros, que sem serem sectarios, não têm valor e energia para resistir, e actuam contra o que pensam. Uma das grandes contradicções hodiernas é o ver-se que certas minorias são despotas relativamente ás maiorias das Nações, apregoando aquellas como um principio a regra do systema moderno o governo das maiorias. Senhores! os homens de hoje estão pertinazes, não ouvem razão, seja a quem ou Alem-Alpes; a Sociedade está de modo, que só a fará pro-

ferir o peccari a Interrenção Directa de Deus!

Dom Antonio d'Almeida.

SECÇÃO LITTERARIA

No dia dos meus annos

Já de invernos quarenta e nove a neve
A fronte descoberta me corôa;
Ruga apoz funda ruga se amontôa,
E no rosto a velhice já me inscreve.

Perdendo o corpo vae forças que teve;
Ante os achagues a saude vôa;
E aos ouvidos sinistra voz me sôa,
«Que a incontrastavel morte virá breve.»

Direi que não me atterra o fatal côrte?
Que hora será bemvinda e appelecida
A que fim ponha á minha obscura sorte?

Não, doces filhos, não, 'sposa querida!
Por vós me infunde horror immenso a morte,
E por vós sinto apego infindo á vida!

Porto—Março de 1885.

Noite de outono

Não mostra a lua a face fulgurante;
Mas o manto da noite azul-escuro,
De tela mais sutil que setim puro,
Borda e recama infindo diamante.

Das casas marginaes a luz brilhante
Reflecte na agua do dormiente Leça;
Lá na foz, sobre a ponte, a treva espessa
Corta a locomotiva sibilante,

Que de igneo fumo rolos arremessa;
E a soidão e o silencio reconeça,
Roto só do oceano pelo arfar...

Porém a aguda brisa as carnes gela,
E convida a trocar scena tam bella
Pelo concheo tepido do lar.

Mattosinhos—setembro de 1885.

Vendo elogiado um mau livro

Funda melancolia a alma me opprime
Ao terminar venelica leitura:
Sciencia vã, falsa litteratura,
A que os traços do genio á lama imprime!

Acaso não será nefando crime
Prostituir do talento a chamma pura?
De acatar ao Creador a creatura
Da intelligencia o dom gratuito exime?

Prestigio a fé será que a mente illude?
A piedade, fallacia que asco excita?
Pueril capricho, a candida virtude?

Atraz, de sabios vis raça precita!
Que se é de greedo a terrea estancia rude,
Vós aolveis n'uma Babel maldita!

Porto—outubro de 1885.

A. Moreira Bello.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

O Padre Rademaker

DANDO hoje o retracto do grande Apostolo portuguez, que em pleno seculo dezanove logrará crear o que levára annos, aos homens do progresso, a arrazar, cumprimos um dever de amizade e de reconhecimento para com o grande missionario. Não querendo repetir o mesmo que se disse na nossa folha por occasião do fallecimento d'esse vulto gigante, que se ergueu em meio do ultimo quartel do seculo actual como estatuza colossal do amor pela humanidade, e de consideração pelos progressos moraes da patria; mas não querendo tambem furtar aos assignantes da nossa Revista do 8.º anno, a noticia biographica do Apostolo moderno, que então fora aqui publicada, reproduzimos-a para em seguida, que de todos seja conhecida:

A memoria
do Padre Carlos Rademaker

JA não existe na terra o P.º Carlos Rademaker, o amigo da humanidade, e incançavel trabalhador, a intelligencia mais robusta de quantas Portugal tem creado no ultimo meio seculo!

Morreu, mas morreu como os heroes, hasteando a cruz, proclamando as verdades eternas do christianismo de que era apostolo, e dos mais dedicados!

Como o roble da floresta, cujas raizes são minadas por terrivel parasita, mas que se ostenta ainda desafiando as nuvens, o P.º Rademaker, com a saude deterioradissima, era ainda o roble frondente em meio da eloquencia sagrada do nosso paiz, e foi do pulpito que elle tombou para o leito da dor e d'ahi para a eterna bemaventurança, onde hoje fruirá as recompensas do seu constante labutar.

Não o choremos; pranteemos a nós, que o perdemos e ofertemos-lhe as nossas preces em troca do muito bem que elle espalhou na sua passagem por este valle de lagrimas.

Nascera o P.º Carlos Rademaker em Lisboa em 1828 no dia 1 de Junho, sendo seus paes o conselheiro José Basilio Rademaker e D. Carlota Joãe Verdier, representantes de familias distinctissimas.

Poucos annos depois do seu nascimento foi o pequeno Carlos para Turim, em companhia de toda a familia, por haver sido nomeado pelo governo do Sr. D. Miguel, ministro d'aquella corte o conselheiro Rademaker, que alli se conservou depois da queda do governo que o nomeára, por não querer reconhecer o governo da Sr.ª D. Maria II.

Durante a sua estada no Piemonte fez Rademaker os seus primeiros estudos e tomou o grau de bacharel em direito civil e canonico na universidade de Turim.

Não esqueçamos que a primeira instrucção litteraria a recebeu Rademaker n'um collegio de Jesuitas, onde aprendeu latim, francez, inglez, italiano, grego e hebraico, tornando-se perfeito conhecedor de todas estas linguas. Na Universidade alcançou os mais brilhantes diplomas e em todos os attestados obtidos mostrou aquelle estabelecimento scientífico o quanto Rademaker se elevava a acima de seus condiscipulos.

Apesar de abandonar a patria em mui verdes annos eram fundas as saudades que tinha pela terra que lhe foi berço, e grande foi a sua alegria quando em 1848 voltou para Portugal em companhia de seus paes e de seu irmão o P.º Daniel Rademaker fallecido ha poucos annos, e uma irmã.

Os seus desejos inclinavam-se para o sacerdocio, ainda que o pae quizesse antes dar-lhe outro estado, pensando até em castro-o, sendo baldados todos os esforços, porque Carlos Rademaker sentia uma vocação decidida para a vida ecclesiastica. No dia 29 de setembro de 1852, contando 24 annos, celebrou o P.º Rademaker a sua primeira missa na igreja dos *Inglesinhos*, a que assistiu toda a sua familia, um concurso immenso de pessoas distinctas e o Cardeal di Pietro, então nuncio de S. Santidade em Lisboa.

Depois foi Secretario do Sr. Nuncio, e em seguida notario apostolico, em que permaneceu até 1856, epoca em que o colera invadiu Lisboa. Então o P.º Rademaker appareceu em meio da cidade consternada, já nos hospitaes afrontando a morte, já levando o conforto da religião a todas as casas onde a terrivel molestia alastrava seus horro-

ros effeitos. Foi então que o P.º Carlos mostrou a caridade da sua grande alma.

A ser atacado do colero seu pae, o P.º Carlos collocou-se á cabeceira do seu leito e, como ministro da religião de Jesus Christo assistiu-lhe até ao ultimo momento. As 8 horas da noite de 21 de julho o conselheiro Rademaker voou á eternidade.

A este golpe juntou-se pouco depois outro que muito magoára o coração do joven sacerdote. Sua irmã voava tambem ao céo. Então sahio da Nunciatura, e, com a fortuna que herdára de seu pae, e como ardia em zelo e caridade christã quiz empregar os seus haveres em bem da miseria.

Alugou uma casa no largo da Paschoa e fundou um collegio com o nome de *Instituto de caridade para educação de meninos pobres* onde eram recebidas todas as creanças com attestado de pobreza. Aqui a obra do *Jesuita ambicioso!*

Depois comprou a casa de Campolide onde lançou os alicerces da casa mais esplendidamente grande para a educação que se tem fundado em Portugal n'este seculo. E tanto cresceu a fama d'este collegio que foi necessario fundar outro. Perto de Torres Novas, no Barro, ergueu o P.º Rademaker outro collegio, que ali está para attestar o quanto pode a vontade de um homem dedicado ao bem.

Em 1859 perdia a mãe, em 1860 e 61 pregava as conferencias na Encarnação em Lisboa, as quaes são comparadas com as de *Notre Dame*, do P.º Felix. Em 1862 dirigia-se a Roma, onde esteve até 1864, maravilhando as altas dignidades da Egreja com a sua funda eloquencia.

O grande orador pregava em Hespanha em puro castelhano, e por toda a parte deixava um rasto da sua passagem. A associação das Filhas de Maria é obra sua, e bastava isso para o immortalisar; mas o P.º Rademaker fez mais, porque foi um verdadeiro apostolo. Todas as terras de Portugal ficam herdeiras d'algum bem por elle offertado, e as lettras patrias ficam enriquecidas com varias obras suas.

Era um genio alegre, parecendo communicar a todos com quem fallava a sua alegria, o que experimentamos sempre que li-

nhamos a felicidade de tratar com elle.

O seu ultimo sermão prégara-o em Guimarães ou antes principiara-o, porque em meio do discurso foi levado do púlpito, e foi esse o ultimo dia que o viramos.

O *Progresso Catholico* deve muito a esse astro que acaba de apagar-se. Foi sempre leitor em qualquer terra (que estivesse, e por vezes o illustrou com seus escriptos. Ha pouco dizia-nos:

O nosso «Progresso» ha-de chegar a ser o que são os mais notaveis periodicos catholicos do estrangeiro, porque se sabe conservar no melhor dos campos. Façam porque elle assim se conserva que muito lhe ha-de dever o nosso paiz.

No dia 6 de junho morria no seu collegio de Campolide, rodeado de todos os companheiros, resignado com a vontade do Altissimo, abraçado á cruz que tanto amou.

Ahi fica mas esboçado o quadro da vida d'esse grande homem, o maior que tem visto Portugal neste seculo porque depois do arrazamento quasi geral de todo o progresso intellectual do nosso paiz, elle só, lançou os fundamentos para o grande edificio da civilisação onde tem de crear-se e robustecer-se as intelligencias. Não fosse o P.º Rademaker com o seu trabalho, com o seu ouro, com a sua fé, com a sua caridade, e Portugal estaria ainda hoje no mesmo estado selvagem em que o deixaram os barbaros que em nome da liberdade o fizeram recuar um seculo.

Que a paz do Senhor seja no seu espirito e que as orações de todos os nossos leitores cheguem ao céo como suffragio por sua alma são os desejos da

Redacção.

II

Castigo ao blasphemador

Nos tempos judaicos eram punidos os crimes do blasphemo com o apedrejamento na via publica, perante a representante da lei. A nossa 2.ª gravura dá mostras d'um d'esses supplicios a que era condemnado o blasphemador. Estendido na praça publica, maneatado de pés e mãos, recebia no corpo as delapidações que, á pedrada, lhe ministravam os transeuntes.

Imaginemos por um pouco, que, n'este seculo das luzes, em que não impéra a lei musaica, era imposta a mesma pena aos que blasphemam de Deus, da Igreja e de tudo que é santo, respeitavel, grande. Que aconteceria?

Veríamos estirado em meio da rua um poetaastro, genro de um almocreve do alto Minho, que ha pouco, n'um livro que publicára, blasphemou, não uma vez, mas quantas vezes teve a pedantesca ideia de escrever um livro em verso. E teríamos a desventura de o ver, pallido, sem forças, arrostar com as pedradas de toda a gente, que só assim daria condigna recompensa ao ignaro vate dos bordeis e lupanares.

Teríamos então d'elle compaixão, e, em vez das pedras, levantadas da calçada publica, com que o povo o mimoseava, ministrariamos o que o sogro, mais bruto, mas menos pedante, offertava as bestas de carga que lhe ajudavam a grangear dinheiro, — dar-lhe-hiamos palha.

Palha, senhores, é o que merece o palerma, que ousa em meio de seu viver airado, mofar do quo ha mais santo, mais digno da consideração e do respeito publico.

Abuliríamos a lei de Moisés, e, em vez de pedras, aos blasphemadores, davamos-lhe, em ampla e digna casa, palha em abundancia.

R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Esteve em Guimarães, e honrou-nos com a sua visita o Rev.º Sr. P.º José Maria de Vasconcellos, assignante do *Progresso Catholico*, o digno professor em Travassos. Vindo assistir ás conferencias pedagogicas não se esqueceu da nossa casa, o que agradecemos. Tivemos tambem a visita do Rev.º Sr. P.º João Baptista de Magalhães, amigo e propagandista do *Progresso Catholico* em Tras os-Montes.

A intenção geral no proximo mez de novembro, para os associados do Apostolado da Oração é, como annunciaramos no passado n.º — *Os alunos do Santuario.*

Se no corrente mez oramos pelo *Clero parochial*, com muita mais razão devemos erguer nossas preces pelos que tem de ser os ministros do altar em época proxima. Pergunhem ao Senhor que os seminarios occupem o lugar que devem ter nas respectivas dioceses, e que aos noviços no sacerdocio seja dada uma instrucção condigna, para que depois tenhamos bons sacerdotes. Oremos tambem para que se aproveitem muitas vocações, que á

ningua de meios, não podem seguir a carreira ecclesiastica, e não nos esqueçamos, em meio das nossas preces, de pedir o engrandecimento, ou antes o levantamento da classe sacerdotal em nosso paiz, onde por mil fatalidades se acha tão despresada, e tão mal vista por aquelles que lhe deviam respeito.

Sejam nossas principaes orações pelos que se dedicam ao serviço da Igreja, e repetamos todos os dias a seguinte oração:

«O meu Jesus, eu vos offerço, por meio do Coração immaculado de Maria, as orações, as obras e os soffrimentos d'este dia, em reparação das nossas offensas e por todas as outras intenções do vosso divino Coração.

Eu vol-as offerço, em particular, pelas almas escolhidas que destinaes ao serviço dos altares, afim de que aperfeiçoando-se cada vez mais no espirito de sua vocação, preparem á vossa Igreja ministros dignos d'ella e de vós.»

A intenção do Dezembro será: As ALMAS DO PURGATORIO.

Mais uma festa e festa imponente se prepara em Braga, para o 2.º domingo depois da Epiphania, do proximo anno. Esta festa será para inaugurar uma nova era nos festejos da Igreja Bracarense.

Espliquemos o proximo acontecimento, transcrevendo do nosso respeitavel collega *Commercio do Minho*, a seguinte noticia:

«O Ex.º e Rev.º Sr. Arcebispo Primaz vai consagrar solemnemente esta Archidiocese no Sagrado Coração de Jesus.»

A consagração terá lugar no segundo domingo depois da Epiphania, no proximo anno. Para essa occasião preparam-se grandes festejos.

Haverá triduo na Sé Cathedral com sermões que estão conhiados a oradores distinctos.

O Ex.º e Rev.º Sr. Arcebispo Primaz está verdadeiramente entusiasmado com esta festa solemne, que deverá ser uma imponente manifestação catholica.

O dia, pois, destinado á consagração solemne d'este Arcebispo ao Sagrado Coração de Jesus, dia em que a Igreja celebra o SS. Nome de Jesus, deve ser um dia de rogo catholico, que ficará gratamente gravado no coração de todos.»

Segundo as determinações de Nosso Santissimo Padre e Papa Leão XIII tem-se feito durante o mez de Outubro os exercicios do Santo Rosario em va-

rias egrejas d'esta cidade, e a diversas horas para maior commodidade dos fieis. Na parochial egreja de S. Sebastião tem lugar tão piedosos exercicios ao toque de *Ave-Marias*, e é digno de louvor o nosso bom amigo P.º Fernandes Guimarães, parcho da dita freguezia, pelo esplendor com que os celebra. O altar mór é bem iluminado e todos os demais altares laterais o são tambem, o que faz, juntamente com a commodidade da hora, com que concorra um tão numeroso concurso de fieis, que enche a egreja.

Louvemos a Deus, por vêr que o povo de Guimarães apesar da desercção da época presente, não deixa de cumprir os desejos do Vigario de Christo na terra.

Livre-pensadorês, homens do seculo das luzes, que á luz professaes horror, escutae a voz do crente, do filho da Egreja que crê em milagres!

Ouvi, senão quereis fechar os ouvidos á verdade! vamos narrar-vos um milagre, mais um milagre!

Um joven de desoito annos de idade, pertencente a uma familia dos arredores de Baviera, nascera surdo-mudo, e com sacrificios conseguiram seus paes dar-lhe alguma instrucção, sabendo por tanto ler e escrever.

Um dia a noticia dos acontecimentos maravilhosos de Lourdes chegou ao infeliz e desde logo se sentiu com desejos de se lançar aos pés da Virgem dos Pyreneos. Manifestou seus desejos aos paes, mas estes opposeram-se a uma tal viagem. Não se deu por vencido o surdo-mudo e, apoiado a um bordão, abandonou a casa paterna e derigiu-se a Lourdes, levando no peito um papel em que se lia o seguinte:

«Sou surdo-mudo, e quero ir a Lourdes, mostrem-me o caminho.»

Eram os primeiros dias de junho do corrente anno, quando o infeliz realisou a sua peregrinação, gastando dois mezes, caminhando de paiz em paiz, alojando-se onde a Providencia lhe deparava um abrigo. E nos dias em que se realisou a peregrinação nacional franceza a Lourdes, chegava tambem ali o surdo-mudo, com os sapatos rotos e com os vestidos despedaçados.

Chegado ali bebeu a agua da fonte milagrosa, lavou-se n'ella e juntou-se aos grupos dos peregrinos francezes que oravam e festejavam a Virgem. E em quanto os peregrinos francezes cantavam fervorosos o seu canto popular — *Ave-Maria*, e os diversos curros repetiam este verso harmonico, permanecia o surdo-mudo de joelhos,

orando a seu modo. De repente, porrem o surdo ouve o canto dos peregrinos, e o mudo entoa, como os demais a *Ave-Maria!* Estava curado!

O Senhor premiou com este esplendido e patente prodigio a fé do joven christão surdo-mudo.

A' vista dos acontecimentos de Lourdes, bem se pode chamar a este seculo o seculo das maravilhas.

A juncta para as escolás catholicas pobres de Inglaterra reuniu ha dias sob a presidencia do nobre Marquez de Ripon, estando presentes varios membros da alta nobreza, entre os quae se notavam, o duque de Norfolk, o conde de Denbigh, lord Xoward, e varias notabilidades do clero, com o Cardeal Manning á frente.

Dividem-se estas escolas em parochiaes, diocesanas e provinciaes, e gastou so com ellas em 1884 a quantia de mil e quinhentos contos de reis. Tem capacidade para 350 mil creanças, e já inscriptas 270 mil.

Note-se bem que estas escolas catholicas são sustentadas na Inglaterral

No dia 22 de setembro passado tive ram os povos de Paradellinha, na freguezia de Villarinho de S. Romão, uma festividade nova por assim dizer n'aquelles sitios. Piedosas pessoas dedicadas ao Santissimo Coração de Jesus, mandaram vir de França uma formosa imagem do Sagrado Coração de Jesus, e foi por essa occasião, que tivera lugar a pomposa festividade, na capella de Santo Amaro, que foi precedida do triduo, inaugurando-se na dita capella a assistencia do Santissimo Sacramento. No dia da festividade aproximaram-se da sagrada Meza mais de duas mil pessoas, que antes haviam sido preparadas por dois dignos ecclesiasticos que ali foram.

E' com o maior prazer que damos esta noticia, por ver que em terras tão distantes dos grandes centros tanto se vai propagando a devoção ao Santissimo Coração de Jesus, e a pia união do Apostolado da Oração.

Mil parabens e agradecimentos a todas as pessoas que promovem estes cultos, e que Deus nosso Senhor recompense tanta dedicação pela causa tres vezes santa da regeneração da sociedade pela oração.

Não temos tido a gloria de nos encontrar-mos com o Sr. Martins de Carvalho, do *Conimbricense*, mas lemos na *Ordem* que elle diasser o seguinte, sob a epigraphe de—*A Palavra* e a Inquisição:

«Segundo se depreheende do que diz a *Palavra* do Porto, no seu numero do 3 do corrente, este periodico não é defensor da inquisição.

«Folgamos muito com essa homenagem ás idoias de civilisação e de humanidade; e tanto mais quanto estamos em uma época em que n'este paiz ha o audaz atrevimento do se publicar, por influencias ultra reaccionarias, urza obra em que se defende e exalta aquelle horroroso tribunal!

Joaquim Martins de Carvalho.»

Sem querermos saber se a *Palavra* é ou não defensora da Inquisição, ainda que sabemos não dissera nada, nem palavra, acerca da edição que o *Centro da propaganda catholica em Portugal* fez da HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO, ao receber os primeiros fasciculos; sem querer saber dizemos, porque nos não mettemos com as vidas alheias, folgamos de transcrever a noticia do Sr. Joaquim, do *Conimbricense*, por elle se referir á dita publicação, que os nossos leitores conhecem, o que anda annunciada nas capas da nossa Revista. E folgamos, porque a noticia dá-nos a prova de que o Sr. Martins de Carvalho tambem não gosta da HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO, com o que faz a mais valiosa recommendação que se pode fazer á mesma obra.

Um livro que não agrada ao *Conimbricense*, deve ser bem accete por todos os catholicos, deve ser uma obra prima, como tem affirmado os Prelados, os jornaes catholicos e todas as pessoas que sabem onde tem a cabeça.

Obrigado Sr. Joaquim Martins de Carvalho!

Dos barbaros que vicram visitar as adegas de Braga, e depois asnear pelas ruas da primacial cidade, falar-se-ha no proximo numero.

Para o parlomismo que por estas terras portuguezas ainda brada contra o clero, e que deseja que dos orçamentos do estado seja riscado o que é dado ao padre para sua sustentação, ainda que á custa do que lhe fôr escamuteado, dedicamos o seguinte trecho, d'um discurso feito nas camaras francezas pelo deputado republicano Mr. Henrique Germain:

«Não se pôde reduzir o orçamento ordinario, a menos que se não queira tocar no orçamento dos cultos, mas não serei eu que proporei a supressão dos 47 milhões, que alli estão inscriptos. E' uma despeza sagrada (Muito bem! muito bem! na direita.) Não accitarei a redução senão quando não haja fé e esperanza em uma outra vida, quando não haja soffrimentos, quando a sciencia e a industria, tendo dessecado o coração humano,

faça que o homem não tenha necessidade de saber d'onde vem nem para onde vai. (Muito bem! muito bem! nos mesmos boncos).

«E' por isso que para mim *esta despesa é a mais sagrada e a mais democratica*; é mister saber quem são os que vão ás egrejas. Se, por acaso, o orçamento dos cultos fosse supprimido, seria a classe rica que ficaria privada de religião? Não tem ella com que pagar aos seus padres? Quando percorro os nossos campos, tenho visto que os cidadãos que hão trabalhado toda a semana que além das fadigas dos seus rudes labores e do peso das suas miserias physicas teem tambem a supportar o fardo das miserias moraes, de que ninguém está isempto, não tem outro dia senão o domingo para poderem ouvir palavras de esperanças, e nunca consentirei em tirar-lhes o padre, que lh'as faz ouvir, nem jamais votarei a supressão do orçamento dos cultos. (Muito bem! muito bem! na direita.)

Enviamos esta insuspeita confissão aos que entre nós desejam tambem a extincção das dotações concedidas ao culto catholico.

Apoiamos de todo o coração o deputado republicano, o fazemos nossas as suas palavras, que devem ser as de todos os homens de bem.

Tambem por lá, por essas terras que os nossos missionarios regaram com o proprio sangue, ha padres dignos, ministros do Altississimo á verdadeira altura de sua missão divina. Tambem no Brazil ha apostolos, filhos dilectissimos da Santa Igreja nossa Mãe.

A noticia que vai ler-se o que achamos n'um jornal brasileiro prova o que deixamos dito.

«*Snr. Redactor.* — Não podemos deixar de levar, por meio do seu jornal, á luz da publicidade, o andamento religioso d'esta parochia, e louvar ao Revd.º Parocho Aniano pelo muito que tem feito, tornando-se assim credor da nossa sympathia.

Celebrou se o santo mez de Maria com aquelle esplendor que é devido a Excelsa Soberana do Céo e da terra.

Não houve, é verdade, pompas exteriores, *fogueterio* e o mais que se vê em certas solemnidades mais mundanas do que religiosas; houve porém pompa interior dos corações, galas espirituaes das almas abrilhantadas pela graça de Deus na participação dos sacramentos.

Uma orchestra fazia sobresahir a magestade do culto, e gratuitamente prestou-se a esta bella homenagem dirigida a Maria Santissima.

A eloquente palavra do Revd.º Parocho exemplificando os actos do dia, era respeitadamente acolhida pelo povo, e podemos dizer que seus esforços não foram baldados, pois que mais de 300 pessoas purificadas pelas aguas da penitencia deram o lindo espectáculo do seu amor a Jesus Sacramentado.

Esta parochia, Sars. Redactores, é muito vasta e trabalhosa, dias ha que o parocho indo fazer confissões na distancia de 6 leguas, ao voltar, encontra nova condução para igual distancia, e mostra-se sempre com a mesma promptidão e affabilidade.

Seria conveniente que o Exc.º e Revd.º Snr. Bispo destinasse um sacerdote tambem zeloso pela salvação das almas para servir aqui de coadjutor ao vigario Aniano que é um verdadeiro pai da pobresa; nenhum pobre lho hate á porta sem receber o obulo da caridade.

Fazemos votos para que Deus Nosso Senhor lhe augmente os annos de vida e saude, e para que o Exc.º Sr. Bispo D. José o conserve sempre n'esta parochia para beneficio de todos nós.

Um assiduo leitor.

Consolam estas noticias, e por isso as reproduzimos, e reproduzindo-as damos os parabens aos povos da freguezia de Palmares, e ao digno apostolo que tem como parocho.

Aproveitemos esta noticia, que, em meio do terror que se espalha ácerca do cholera, pode servir de tranquilisar muitas pessoas.

Lea-se e tenha-se na mente tal noticia, que é dada por um missionario:

«Um missionario, o Padre Guyon, encarregado do immenso districto de Salem (India) foi atacado pelo cholera, que não deu tempo a chamarem o missionario mais proximo, para assistir aos ultimos momentos do seu collega.

Não é uso no paiz conservar os mortos por muito tempo. Trataram de fazer a cova e preparar o enterro. Entretanto appareceu um medico indigena, que, sem se ter convertido á religião do padre Guyon, era-lhe muito affeioado. Sabendo que elle adoecera, fôra logo a sua casa na esperança de lhe ser util. Chegou tarde, e encontrou o corpo do reverendo Guyon já á borda da sepultura. O medico supplicou que, pela ultima vez, lhe deixassem ver o seu amigo. Acce deram aos seus rogos. Aproximou-se do morto, agarrou a mão do defunto, e, soluçando, exclamou: *Oh! meu querido amigo, como foi que...* Mas interrom-

pendo-se, gritou para as pessoas que estavam presentes: *Que iam fazer? Elle não está morto!*

E tanto não estava, que viveu ainda mais de trinta annos, e d'ahi em dean. respeitado pelo cholera. Falleceu ha pouco mais de tres annos. O facto é contado por um missionario o padre S. Feran, n'uma carta datada de Yerrayam, e em que diz: «Succedo algumas vezes que o cholera põe o doente n'um estado de morte apparente, que dura o tempo bastante para enganar pelo menos, aquelles que não estão nos casos de o distinguirem da morte real».

Terminando a sua carta, nega energeticamente que o cholera seja contagioso. «Aqui preoccupam-se pouco com o cholera, diz elle, emquanto a terrivel molestia não está na aldeia vizinha. Nenhum cordão sanitario, nenhuma limpeza, e menos ainda a pretendida desinfecção. Se o cholera fosse effectivamente contagioso, como restaria ainda um unico habitante da India, onde elle é permanente, ora n'um ponto, ora n'outro? Quantas vezes nos acontece a nós missionarios, andar com os pés nus sobre as dejecções dos cholericos, a cujos ultimos momentos assistimos, sem sermos atacados pela doença? Porque é que nas aldeias mais immundas, as agglomerações mais infectas os parias do Sakilis não estão mais sujeitas ao cholera do que as mais arejadas e limpas? Mystério. E porque é que o remedio que n'um anno faz maravilhas, para nada serve no anno seguinte, e recupera a sua officina mezes depois? Mystério! E ainda ha muitos outros.»

De um jornal brasileiro tiramos a seguinte apreciação do theatro:

«Entre nós o theatro é, ou a casa de deboche onde vai espojar-se a lubricidade corruptora, ou a renascença dos circos romanos da era dos Caligulas, onde a perversidade vai buacar impressões violentas nas scenas de sangue e morticínio, para seu coração impedernido.

Tudo que o theatro francez tem de peor, é o que mais largamente se nos dá. Offenbach sobrepuja Auber; Maquet e Sejour substituem Dumas Filho, Sardou e Labiche.

O theatro, portanto, entre nós, é outro elemento de corrupção.»

Infelizmente o theatro em Portugal é a mesma cousa. Os seus frequentadores se não são corruptos caminham para a corrupção, e as familias que ali vão, o paé que leva suas filhas ao theatro, applana-lhes o caminho para a desmoralisação mais atroz.